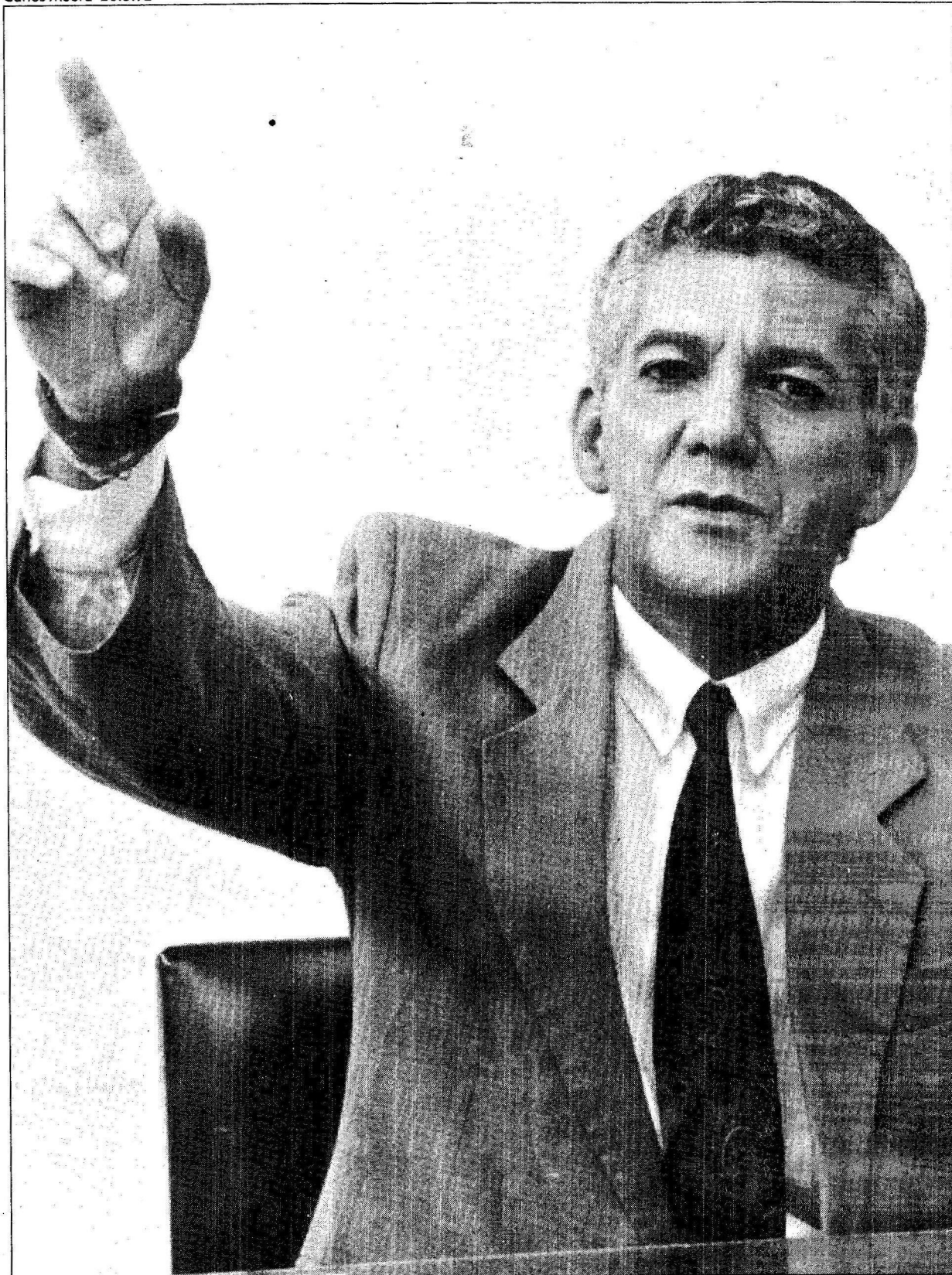


Diretor da Polícia Civil pede demissão

Carlos Moura 20.5.92



Ulisses Moreno foi pressionado a se afastar por ter sido chefe de gabinete do ex-diretor, delegado Milton Barbosa

“Falei tudo o que devia”

Ulisses Moreno não quis entrar em detalhes em relação ao seu pedido de exoneração do cargo de diretor-geral da Polícia Civil.

Visivelmente nervoso, ele não conseguiu, porém, esconder sua irritação. “Disse tudo o que tinha a dizer ao governador”, contou.

O comunicado oficial do afastamento do diretor foi feito pelo secretário de Segurança Pública, Gilberto Serra.

“Como ele é um profissional sério, quis deixar o governador à vontade para evitar qualquer insinuação sobre sua ligação com quem quer que seja”, disse o secretário.

Serra afirmou que o governador recebeu com surpresa o pedido de afastamento.

Mudança — Na verdade, Cristovam já aguardava esse pedido há pelo menos duas semanas.

A terceira mudança na direção da Polícia Civil em menos de um ano é meio está provocando uma situação de insegurança em uma das corporações responsáveis pela segurança no DF.

A instabilidade de comando faz com que as delegacias trabalhem com metade da capacidade. Os delegados ficam permanentemente à espera de mudanças.

Moreno é o terceiro diretor-geral da polícia que cai em meio a uma crise política.

Em fevereiro do ano passado, dois meses depois da posse de Cristovam, Milton Barbosa foi afastado do cargo em meio a denúncias de envolvimento com grileiros de terra.

Suspeita — A suspeita foi baseada em uma declaração do então delegado da 10ª DP, José Augusto Ferreira Lima.

Ele disse que Barbosa pediu a ele que recebesse o senador Pedro Teixeira na delegacia. O senador, na época, intermediava acordos entre os grileiros do Lago Sul.

O substituto de Barbosa, Valdemar Gomes Ribeiro, caiu há três meses em meio ao tiroteio político entre delegados e agentes por causa de reajuste salarial.

verno Cristovam.

Influência — A indicação de Barbosa ao cargo foi atribuída, na época, à influência do deputado distrital Manoel de Andrade, o Manoelzinho.

No período em que Barbosa era diretor e Moreno chefe de gabinete, as investigações sobre o suposto envolvimento do deputado com traficantes do Gama foram suspensas.

Um dos nomes cotados para substituir Moreno na direção-geral da Polícia Civil é o do delegado Teodoro Rodrigues, atualmente chefe da 13ª DP (Sobradinho).

Rodrigues foi, durante dois anos, delegado-chefe da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes. Isso, na época em que o diretor-geral da polícia era Milton Barbosa.

Quando Barbosa foi substituído por Valdemar Gomes Ribeiro, Rodrigues foi nomeado coordenador da CPE (Coordenação de Polícia Especializada).

Dez meses depois, Valdemar foi substituído por Moreno, que transferiu Teodoro para a 13ª DP.

Rodrigues, procurado ontem à noite, disse não ter sido convidado para assumir qualquer cargo. “Não estou sabendo de nada disso”, se limitou a dizer.

Moreno permanece no cargo até a escolha oficial de seu substituto.

Antonio Vital
Da equipe do Correio

O caso Manoelzinho derrubou o diretor-geral da Polícia Civil, delegado Ulisses Moreno. Ele vai dar lugar ao quarto diretor-geral da Polícia Civil em um ano e três meses de governo Cristovam Buarque.

A saída de Ulisses da direção da polícia sinaliza que o governador Cristovam Buarque pretende dar um maior apoio às investigações sobre a *Máfia do Gama*, como vem sendo chamado o suposto esquema de tráfico de cocaína.

O delegado pediu exoneração do cargo ontem à tarde, ao secretário de Segurança Pública, Gilberto Serra.

As 16h30, Serra e Moreno foram ao Palácio do Buriti para uma reunião com o governador Cristovam Buarque. Cristovam aceitou o pedido.

O delegado alegou “motivos pessoais” para deixar o cargo.

Na verdade, ele vinha sendo pressionado por assessores do governador a se afastar por ter sido chefe de gabinete do ex-diretor-geral da Polícia Civil, delegado Milton Barbosa.

Barbosa — hoje assessor do deputado distrital Luiz Estevão (PMDB) — comandou a polícia nos dois últimos anos do governo Roriz e nos dois primeiros meses do go-

Certidão irritou governador

Ulisses Moreno assumiu a direção-geral da Polícia Civil no dia 16 de dezembro de 1995. Sua administração foi marcada por dificuldades.

Delegados ligados a ele reclamam que o governador Cristovam Buarque nunca o apoiou de maneira ostensiva.

Um dos fatos usados para exemplificar a situação incômoda do diretor é a relutância do governador em assinar a transferência de mais de dez delegados.

Ulisses resolveu trocar o comando de várias delegacias há mais de 20 dias. Comunicou a medida aos delegados que seriam afastados e, desde então, aguardava a assinatura do governador para o ato.

As mudanças iminentes fizeram com que os trabalhos dessas delegacias fossem praticamente paralisados.

dos.

Ontem, Moreno disse isso ao governador Cristovam Buarque, que alegou não ter recebido nenhum papel para assinar.

A situação de Moreno junto à cúpula do Palácio do Buriti ficou mais delicada quando ele entregou ao deputado Luís Estevão, na última quinta-feira, uma certidão negativa em favor do deputado Manoelzinho e dos policiais suspeitos de envolvimento em tráfico de drogas.

Na ocasião, ele garantiu ao deputado que não existia nenhuma investigação em curso contra Manoelzinho.

Cristovam Buarque, que no dia anterior havia entregue ao Superior Tribunal de Justiça o depoimento do irmão de Manoelzinho, Geraldo de Andrade, ficou irritado com a atitude do diretor da polícia.

Sucessor terá resistência

Entre os delegados e agentes da Polícia Civil há um consenso: o próximo diretor, seja quem for, vai encontrar muita resistência para administrar o órgão.

A Polícia Civil é dividida em grupos rivais, que se alternam no poder. Uma das facções é liderada pelo delegado Onofre Moraes, da 9ª DP, no Lago Norte. Outra, pelo ex-diretor, Milton Barbosa.

O grupo de Barbosa é afinado politicamente com o ex-governador Joaquim Roriz. Hoje, esse grupo está muito ligado ao PMDB do deputado distrital Luiz Estevão.

O que pesou na queda de Ulisses Moreno foi o fato de ter sido chefe de gabinete de Barbosa, o que o tornou, no Palácio do Buriti, suspeito de ligação com a oposição.

Existe ainda um grupo considerado independente, formado por delegados oriundos do regime militar, como Teodoro Rodrigues, Valdemar Gomes Ribeiro e Ângelo Neto.

Eles trabalharam diretamente ligados ao ex-secretário de Segurança Lauro Rieth, na época da morte do jornalista Mário Eugênio, do Correio Braziliense.

Eles chegaram a ser suspeitos de envolvimento no caso, mas nunca foram acusados formalmente e seus nomes sequer aparecem no processo.

Teodoro Rodrigues é considerado um delegado “de operação”, forma que designa, entre os policiais, aqueles que não se metem em política.

Além das brigas internas, o futuro diretor-geral vai enfrentar ainda um descontentamento generalizado em relação ao governo Cristovam Buarque.

Segurança faz relatórios

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT/DF), José Zunga, disse, ontem, que a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF) fazia relatórios detalhados sobre atividades sindicais no DF.

Esses relatórios, segundo informou, eram elaborados diariamente pela SSP/DF desde o governo Roriz e descreviam com detalhes atividades sindicais.

“Dizia se a assembléia ou alguma manifestação popular era branda, qual era o nível de ânimo dos militantes e ainda avaliava a mobilização”, contou o sindicalista.

Cópia — Ele disse ainda que os relatórios eram enviados a todos os secretários de estado e que o governador Cristovam Buarque chegou a oferecer cópia aos dirigentes sindicais.

O secretário de Governo, Swedenberger Barbosa, admitiu, domingo, que o governo acompanha o movimento sindical e que os relatórios que tratam de movimentos sindicais eram encaminhados a Zunga.

O sindicalista, no entanto, nega que tenha recebido algum relatório com esse tipo de informação. “Não só recusamos como pedimos ao governador que suspendesse essa atividade”, disse.

Cabeça — Em reunião com sindicalistas, o governador teria confirmado a informação de que a SSP/DF continuava a fazer os relatórios mas que eles seriam suspensos.

“Acredito que o governador não sabe que esses relatórios continuaram. Há interesses na cabeça dos dirigentes da Secretaria de Segurança diferentes do que está na cabeça de Cristovam”, avalia.

O presidente da CUT/DF assistiu, ontem, a fita de vídeo que teria sido gravada pelo Serviço de Informações da Polícia Militar. “Não dá também para descartar a hipótese de uma armação”, refletiu.

Ele não entende como os amigos do deputado Manoelzinho conseguiram render o sargento José Ferreira Neto e tirar dele a fita. “Esses caras são muito ágeis.”